

Reposição pelos 34,1% une e organiza categoria

Mais de cinco mil metalúrgicos atenderam ao chamado do Sindicato e, no dia 14 de agosto de 1977, participaram de assembleia na Sede para discutir formas de cobrar uma reposição salarial de 34,1%. A ditadura militar que governava o País havia manipulado os índices de inflação nos anos de 1973 e 1974 e retirado aquele percentual dos salários.

Fazia mais de dez anos que uma assembleia não atraía tantos trabalhadores, causando surpresa inclusive à diretoria do Sindicato, que tinha Lula como presidente. A assembleia decidiu iniciar uma campanha pela reposição, aprovou a instalação de dissídio coletivo fora da campanha salarial e chamou os patrões para negociar por meio da Delegacia Regional do Trabalho (DRT).

A mobilização assustou os militares, que proibiram a DRT de abrir negociações sobre a reposição. Duas outras assembleias com milhares de trabalhadores foram realizadas em setembro para decidir o que fazer. Apesar

de muitos levantarem a possibilidade de greve, a diretoria preferiu ficar na ação jurídica. Com a DRT negando instaurar o dissídio, o Sindicato iniciou as conversas com os empresários, mas as negociações não avançaram. A luta pela reposição se estendeu até dezembro, porém acabou se esvaziando com as festas de final de ano.

A grande vitória foi política. A mobilização pelos 34,1% mostrou à diretoria que a categoria tinha condições de se impor como força organizada e negociar com os patrões de igual para igual.

“Esse é o poder de barganha que devemos conquistar para não precisarmos pedir, pechinchar e ser paternalizados pelo próprio governo”, dizia a Tribuna, em dezembro de 1977. E foi isso o que aconteceu no ano seguinte, quando os metalúrgicos do ABC iniciam uma greve salarial desafiando a legislação trabalhista e a política econômica da ditadura militar (1964-1985).

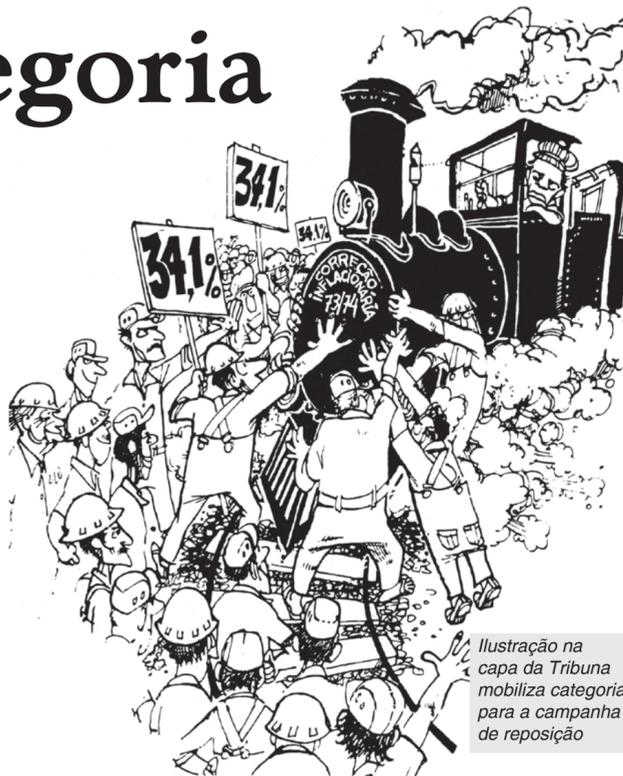


Ilustração na capa da Tribuna mobiliza categoria para a campanha de reposição

Quinta-feira
11 de agosto de 2011
Edição nº 3052

Tribuna Metalúrgica



Saída para a crise mundial é política e não econômica

Só o rompimento com o sistema financeiro permitirá que países não atravessem crises, que são pagas com o sacrifício dos trabalhadores, diz Sérgio Mendonça, do Dieese.

PÁGINA 3

SAÚDE

Vale tudo

Pode parecer simples. Ao divulgarmos estatísticas de doenças ocupacionais nos deparamos com números que são inaceitáveis do ponto de vista de quaisquer outras doenças.

Exemplo disso: É comum dirigentes de grandes empresas se queixarem que têm em seus quadros uma média de 10% de trabalhadores com doenças ou sequelas decorrentes do trabalho.

Se uma cidade tiver 10% de pessoas com gripe, com dengue ou com sarampo certamente será um caos, haverá decretação de estado de emergência, intervenção das autoridades de saúde e até liberação de recursos para restabelecer a normalidade.

Quando se trata de doenças do trabalho a mesma preocupação não acontece.

Algumas linhas de raciocínio podem nos ajudar a pensar sobre isso.

Uma delas é que o trabalho remunerado inclui nessa remuneração o risco de adoecer, acidentat-se ou mutilar-se.

Outra considera as questões do trabalho como restritas aos patrões e empregados, não sendo assunto da sociedade.

Nesse aspecto, leis específicas para o trabalho e até mesmo uma justiça (do trabalho) independente reforçam essa linha.

A terceira, e mais importante, é a ética do trabalho na nossa sociedade capitalista ocidental, pela qual os fins justificam os meios.

Nessa ética a importância da produção que gera o lucro é o fim que justifica até o adocimento.

Leia matéria completa no Blog da Saúde, portal do Sindicato www.smabc.org.br/saude

Departamento de Saúde do Trabalhador e Meio Ambiente

TRIBUNA ESPORTIVA



A CBF decidiu acabar com os jogos às 18h30 e 21h nos fins de semana na Série A do Brasileirão. A partir do próximo dia 20 as partidas noturnas de sábado e domingo terão início às 18h.



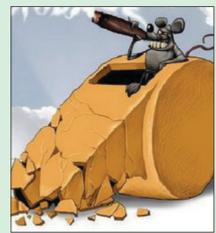
Felipão não vê o Palmeiras com chances de conquistar os títulos da Copa Sul-Americana e do Campeonato Brasileiro. Na opinião do treinador, o time tem condições de brigar por apenas um título.



O Corinthians adiou para dezembro a polémica contratação de um jogador chinês, que viria para alavancar a imagem internacional do Timão.



Por conta da onda de violência que se alastra por Londres desde sábado, a partida da dupla Taiana e Vivian do Brasil no Pré-Olímpico de Vôlei de Praia foi realizada em uma quadra sem torcida.



Acusados de corrupção nos amistosos entre Bolívia e Letônia e entre Bulgária e Estônia, disputados na Turquia, seis árbitros foram banidos de forma definitiva pela Fifa.

Copa Sulamericana

Hoje - 21h50
Vasco x Palmeiras (São Januário)

Condições de trabalho entram na política industrial

PÁGINA 3

Gleisi dá apoio à proposta da CUT

Ministra da Casa Civil se comprometeu com o presidente da Central a agilizar projeto que põe fim ao imposto sindical.

PÁGINA 2

PLR na Muristamp e na Sanches Blanes



Mobilização na Muristamp garantiu bom acordo

Na fábrica de peças de bicicletas a conquista saiu pela primeira vez e na empresa de máquinas houve mobilização pelo acordo.

PÁGINA 2

Em 1977, Sindicato renasce para a luta



Movimento pela reposição de 34,1% garfados dos salários pela ditadura militar mobiliza categoria.

PÁGINA 4



Artur conseguiu da ministra da Casa Civil agilidade no projeto que acaba com o imposto sindical

CUT recebe apoios em Brasília para fim do imposto sindical

Prioridade nas votações dos projetos que interessam aos trabalhadores foi o recado da CUT ao governo federal e aos poderes legislativo e judiciário, ontem, em dia de mobilização. “Foi cansativo mais muito positivo. Tem muita coisa nossa parada no Congresso e no governo”, afirmou o presidente da Central, Artur Henrique. Perto de 400 dirigentes circularam na Câmara e no Senado, além de

montarem uma tenda em frente ao Congresso para recepcionar parlamentares simpáticos às causas dos trabalhadores.

Para Artur, encontros muito proveitosos foram com a ministra Gleisi Hoffmann, da Casa Civil, e com o presidente do Tribunal Superior do Trabalho (TST) João Oreste Dazalen, que apoiam o fim do imposto sindical, bandeira histórica da Central.

“Acho a manuten-

ção do imposto sindical uma excrescência em um País que pretende continuar avançando. Estou disposto a encampar essa iniciativa da CUT”, afirmou Dazalen.

O fim do imposto está no acordo que reconhece as centrais sindicais e continua parado na Casa Civil. “Vou checar em que ponto está o projeto e pedir que receba prioridade aqui”, disse a ministra da Casa Civil.

PLR com luta na Sanches e 1º acordo na Muristamp



Pressão dos trabalhadores na Sanches Blanes resultou num bom acordo

Duas PLRs foram aprovadas ontem na base. As duas com boas histórias. Na **Sanches Blanes**, fábrica de máquinas em Ribeirão Pires, a mobilização da companheirada garantiu a boa proposta aprovada na manhã de ontem. A primeira

parcela será paga no mês que vem.

“A atenção dos metalúrgicos aos seus direitos pressionou as negociações e chegamos ao acordo”, salientou Zé Mourão, diretor do Sindicato.

Na **Muristamp**, fábrica de peças para

bicicletas de Diadema, os trabalhadores conquistaram o primeiro acordo desde que a fábrica se instalou na cidade, há seis anos.

Em outubro, eles recebem a primeira parcela e a segunda, em fevereiro do ano que vem.

Sangue O negativo

Urgente para **Guilherme Alves dos Santos**, primo do companheiro Ozeas, da ferramentaria na Polistampo.

No Hospital Serraria, de Diadema, Av. José Bonifácio, 1.641, fone 4042-3269, ou nos bancos da Colsan.

NOTAS E RECADOS

Misturança

A Associação Paulista de Magistrados vai promover um torneio de golfe com recursos de empresas privadas e de escritórios de advocacia.

Saúde!

Será realizada neste sábado, das 8h às 17h, a segunda etapa da campanha de vacinação contra a paralisia infantil para crianças com até cinco anos de idade.

Quero estudar

No Chile, milhares de estudantes continuam realizando manifestações diárias pedindo financiamento

para os cursos universitários, que são pagos mesmo nas escolas públicas.

Cadê o meu!

Trabalhadores demitidos sem receber seus direitos ocuparam a fazenda falida Fruit Fort em Petrolina (PE) e agora pedem a desapropriação da área para reforma agrária.

Pelo SUS

O Ministério Público quer suspender os efeitos da lei estadual que permite aos hospitais públicos destinarem 25% dos atendimentos a pacientes de planos médicos.

Recorde

O aumento do crédito e o ganho com os serviços proporcionaram lucro de R\$ 6,3 bilhões ao Banco do Brasil no primeiro semestre do ano.

Olho grande

Câmaras instaladas nas rodovias Castelo Branco e Raposo Tavares e no trecho oeste do Rodoanel conseguem multar num raio de 1,5 quilômetro.

Cheiro ruim

A Sabesp assinou contrato de R\$ 75 milhões com empresa do marido de assessora da companhia de saneamento.

Publicidade

TVT escolhe atores para nova série de humor sobre o trabalho

TVT e Na Batalha (projeto Qual é a Graça?) abrem inscrições para a primeira série de TV sobre o mundo do trabalho. O programa vai ao ar no final do ano e será dirigido e escrito por um grupo de artistas profissionais e também novos talentos.

A seleção para a oficina de atores será no dia 26 de agosto em São Bernardo do Campo. As inscrições podem ser feitas pelo site do Na Batalha (www.nabatalha.com.br) e as dúvidas podem ser tiradas na sede da TVT pelo fone 11 4930 7397.

As oficinas serão dadas pela atriz premiada Georgette Fadel e pela atriz e palhaço Ciléia Biaggioli.

Rir na oficina ou chegar a fazer a série, tudo é vantagem se você vai chegar em casa de muito bom humor. Palavra de gente do sindicato que já está fazendo aulas.

Faça sua inscrição! Ligue! Indique alguém! É uma oportunidade inédita!

Fique conectado também ao site do Na Batalha, que concentra toda a produção de retratos, andamento dos cursos on line e próximos acontecimentos.

Dois mortos na queda de elevador são enterrados

Centenas de pessoas acompanham ontem a cerimônia para o sepultamento de dois dos nove trabalhadores que faleceram após a queda de um elevador em um canteiro de obras em Salvador.

Outros dois mortos no acidente também serão enterrados em Salvador e outros cinco no interior do Estado.

No início da manhã, trabalhadores da construção civil paralisaram várias obras e se reuniram diante do cemitério para protestar contra as más condições de trabalho da categoria.

Países ajudam os bancos e depois sofrem calote

Em entrevista para a Tribuna, o economista Sérgio Mendonça, do Dieese, defendeu que os países em crise como EUA, Espanha e Grécia tomem uma atitude política e rompam com os mercados financeiros.

“Eles continuam reféns dos bancos com as medidas econômicas que adotam e as populações pagam a conta”, disse. Mendonça acredita que, hoje, o Brasil tem condições de enfrentar a crise só por um ou dois anos. “Para não cair nos mesmos problemas da Europa e dos Estados Unidos, o País também precisaria romper com o modelo econômico atual e baixar juros, pagamento da dívida interna e valorização do real para fortalecer o mercado interno”, afirma.



Para Sérgio Mendonça, países devem romper com o capital financeiro

financeiros dominaram a economia mundial.

Como chegamos aos problemas de agora?

Há três anos, os países correram para salvar os bancos e estimular a economia para tentar evitar outra recessão como a dos anos 1930, que desempregou milhões de pessoas. Neste processo, alguns países (Estados Unidos, Espanha, Grécia, Itália etc.) se endividaram além

de sua capacidade de pagamento. Agora, os bancos se recusam a devolver o dinheiro emprestado e cobram fortunas para rolar as dívidas, mantendo os governos reféns e provocando a catástrofe.

Isso atinge a população?

Sem dúvida. Todos os países agem da mesma maneira para quitar suas contas. Para conseguir o dinheiro promovem seguidos ajustes fiscais como

corde de salários, de aposentadorias e aumento de impostos.

Isso provoca uma brutal queda na arrecadação e eles ficam sem dinheiro para investir, o que aumenta o desemprego, diminui o seguro-desemprego, prejudica os serviços públicos (hospitais, escolas etc.) e assim por diante, prejudicando toda a população. O resultado são as revoltas que assistimos na Grécia, Espanha e Portugal.

Existe saída?

Qualquer cenário para o futuro é chute. Só é possível afirmar que o crescimento econômico tiraria esses países da crise. O problema deles é como investir se não têm dinheiro. A única saída é política: enfrentar o capital financeiro que domina o mundo e romper com o sistema atual.

Do contrário, as crises vão continuar se repetindo e as populações prosseguirão pa-

gando a conta. Vamos ver até quando essas populações aguentam.

E o Brasil?

O governo tem em caixa R\$ 960 bilhões que pode liberar aos poucos para estimular a economia, como fez em 2008. Isso nos garante por um ou dois anos. Depois, ninguém sabe, pois ninguém sabe quanto tempo vai durar a crise atual.

Existem alternativas?

A principal é romper com o atual tripé que domina a economia brasileira e consiste em real valorizado, juros altos e corte de gastos para pagar a dívida interna (o chamado superávit fiscal). Se fosse determinada uma forte queda nos juros, por exemplo, entraria menos dinheiro na especulação e o dólar seria valorizado.

Isso pressionaria os exportadores a venderem para o mercado interno, criando empregos. É uma forma de criarmos uma dinâmica própria e escapar das flutuações da economia internacional.

Trabalho na pauta da política industrial

Os trabalhadores conseguiram emplacar sua primeira proposta no plano Brasil Maior, a política industrial do governo federal.

Toda e qualquer política de incentivo à indústria terá de considerar as condições de trabalho e de saúde dos trabalhadores. “É um avanço. Essa medida não era prevista e agora está garantida no Brasil Maior”, comemorou Rafael Marques, vice-presidente do Sindicato.

Segundo ele, quando o governo admite uma proposta como essa é sinal que valoriza o trabalho e a participação dos trabalhadores na definição da política industrial.

Rafael participou da primeira reunião de trabalho do plano Brasil Maior realizada com dirigentes da CUT e representantes dos Ministérios do Desenvolvimento e Indústria, Ciência e Tecnologia e do BNDES, na terça-feira, em Brasília.



Rafael levou propostas do Sindicato ao plano Brasil Maior

No encontro, a CUT também criou um grupo de trabalho interno sobre o setor

industrial, encarregado de elaborar e articular as propostas que os trabalhadores querem ver

contempladas no plano. “O Brasil Maior não está totalmente pronto. Há muita conversa e ação que deveremos desenvolver para nossas medidas entrarem em prática”, avaliou Rafael.

Um exemplo do muito que é necessário evoluir é a preocupação que o plano traz com o chamado conteúdo nacional para uma série de produtos.

O Brasil Maior não detalha o percentual que um veículo ou uma máquina deve

ter de peças produzidas aqui. Determina apenas proteção à produção local, deixando critérios e controles para medidas complementares.

Esse é um ponto que interessa bastante aos trabalhadores, segundo o vice-presidente do Sindicato, porque é uma maneira de proteção contra as importações indiscriminadas, uma das maiores ameaças ao emprego e à produção nacional.